



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 1 - 2025



A Teologia da Criação em São Francisco de Assis: Animais como Mestres de Amor e Humildade

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues
luizaerodesign@gmail.com.br

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação singular de São Francisco de Assis com os animais, articulando aspectos históricos, espirituais e teológicos de sua vida e obra. Ao longo das páginas, serão exploradas as experiências de Francisco no contexto do século XIII, destacando sua trajetória de conversão, sua fundação da Ordem dos Frades Menores e sua compreensão inovadora da criação como expressão direta do amor divino. A análise enfatiza como o santo via todas as criaturas como irmãos e irmãs, reconhecendo nelas mestres de humildade, confiança e amor incondicional, e apresentando relatos emblemáticos, como a pregação aos pássaros e o episódio do lobo de Gúbio.

O artigo também examina a dimensão simbólica e teológica dessa relação, demonstrando que a comunhão de Francisco com os animais vai além do gesto afetivo, constituindo uma verdadeira espiritualidade ecológica, na qual cada criatura reflete a presença de Deus. Serão abordadas suas orações e cânticos, como o *Cântico das Criaturas* e a famosa Oração da Paz, que expressam a visão de um mundo interligado e a necessidade de viver em harmonia com toda a criação. Por fim, a reflexão destaca a atualidade do exemplo franciscano, mostrando que sua mensagem inspira não apenas a devoção religiosa, mas também a ética ecológica e o compromisso humano com o cuidado da natureza.

Este estudo busca, assim, oferecer ao leitor uma compreensão ampla e integrada da vida de São Francisco de Assis, ressaltando como sua experiência espiritual e seu amor pelos animais permanecem um modelo de fraternidade, humildade e reverência diante de toda a criação.

Abstract

This article offers a reflection on the unique relationship between Saint Francis of Assisi and animals, integrating historical, spiritual, and theological aspects of his life and work. Throughout the text, Francisco's experiences in the 13th century are explored, highlighting his journey of conversion, the founding of the Order of Friars Minor, and his innovative understanding of creation as a direct expression of divine love. The analysis emphasizes how the saint regarded all creatures as brothers and sisters, seeing in them teachers of humility, trust, and unconditional love, and presenting emblematic accounts, such as his preaching to the birds and the story of the wolf of Gubbio.

The article also examines the symbolic and theological dimension of this relationship, demonstrating that Francisco's communion with animals goes beyond affection, constituting a true ecological spirituality in which every creature reflects the presence of God. His prayers and canticles, such as the *Canticle of the Creatures* and the famous Prayer of Peace, are discussed as expressions of a world interconnected and the necessity of living in harmony with all creation. Finally, the reflection highlights the contemporary relevance of the Franciscan example, showing that his message inspires not only religious devotion but also ecological ethics and humanity's commitment to caring for nature.

Thus, this study seeks to provide readers with a comprehensive understanding of Saint Francis of Assisi's life, emphasizing how his spiritual experience and love for animals remain a model of fraternity, humility, and reverence for all creation.

1 – Introdução

São Francisco de Assis, nascido Giovanni di Pietro di Bernardone, é uma das figuras mais luminosas e transformadoras da espiritualidade cristã. Surgido no coração da Idade Média, em um tempo marcado por contrastes profundos entre riqueza e pobreza, poder e fé, violência e devoção, Francisco despontou como um exemplo radical de simplicidade e amor universal. Sua vida, entre os séculos XII e XIII, testemunha uma conversão profunda — do luxo e da ambição juvenil à pobreza voluntária e à entrega total a Deus. Mais do que um reformador religioso, ele se tornou um símbolo de reconciliação entre o ser humano e a criação, um mensageiro de paz e fraternidade que enxergava em cada criatura um reflexo da bondade divina. A sua espiritualidade, marcada pela alegria e pela comunhão, fez dele não apenas um santo venerado, mas um modelo perene de harmonia com o mundo natural.

A vida de São Francisco desenvolveu-se em um contexto histórico de grandes transformações sociais e espirituais. A Europa medieval vivia o auge do feudalismo e o fortalecimento do poder papal, mas também enfrentava uma crescente inquietação espiritual que clamava por renovação. Foi nesse cenário que Francisco respondeu a um chamado interior que o levou a romper com os valores materiais e abraçar a pobreza como expressão máxima de liberdade. Ele compreendeu que, ao despojar-se de tudo, aproximava-se mais do Criador e de todas as criaturas. O seu gesto de renunciar à herança paterna e vestir o hábito simples de um penitente não foi apenas um ato simbólico, mas uma revolução espiritual. Ao escolher viver entre os pobres, curar os leprosos e pregar o Evangelho com ternura e coragem, ele deu um novo sentido à fé cristã, tornando-a viva, encarnada e próxima de todos.

Dentro dessa espiritualidade encarnada, Francisco encontrou nos animais e na natureza uma presença constante de Deus. Para ele, a criação não era um cenário distante ou uma posse humana, mas uma grande família espiritual, na qual cada ser tinha valor próprio e dignidade. Essa visão, que hoje

chamamos de “fraternidade universal”, está no cerne de sua experiência mística e teológica. Nos relatos de seus biógrafos, como Tomás de Celano e São Boaventura, vemos um homem que se comunica com os pássaros, que chama o lobo de “irmão”, que louva o sol, a lua, o vento e a água como companheiros de jornada. Essas narrativas, que podem parecer poéticas ou lendárias, são, na verdade, expressões de uma profunda verdade espiritual: a de que tudo o que existe é manifestação do amor divino e, portanto, digno de respeito, cuidado e admiração.

A relação de São Francisco com os animais ultrapassa o simples afeto ou a piedade. Ela reflete uma teologia viva, na qual o ser humano é chamado a reconhecer sua interdependência com toda a criação. O Cântico das Criaturas, uma das mais belas composições espirituais da história cristã, traduz em palavras essa visão de unidade. Ao louvar o “irmão sol”, a “irmã lua” e o “irmão fogo”, Francisco revela que a criação é uma linguagem do amor de Deus, e que o louvor perfeito nasce quando o ser humano se une ao coro da natureza. A simplicidade desse cântico esconde uma sabedoria profunda: a de que a verdadeira espiritualidade não separa, mas integra; não domina, mas serve; não explora, mas cuida.

Essa percepção ecoa com força no mundo contemporâneo, em que o distanciamento entre o homem e o ambiente natural tem gerado desequilíbrios ecológicos e espirituais.

Refletir sobre a relação de São Francisco com os animais é, portanto, revisitá-lo um testemunho de fé que transcende o tempo. Em um mundo marcado pelo consumismo, pela destruição ambiental e pela indiferença, o exemplo do poverello de Assis surge como uma luz orientadora. Ele recorda que a humildade diante da criação é também uma forma de adoração, e que cada criatura, grande ou pequena, é um espelho do Criador. O estudo dessa relação, em sua dimensão histórica e espiritual, permite compreender como a vida e a mensagem de Francisco continuam atuais, inspirando não apenas os cristãos, mas todos os que buscam um caminho de reconciliação com o planeta e com a própria essência humana.

Assim, o presente artigo propõe-se a examinar a profunda ligação entre São Francisco de Assis e os animais sob uma perspectiva religiosa, histórica e reflexiva. Busca-se compreender como o amor e o respeito de Francisco pela criação derivam de sua compreensão evangélica da fraternidade universal e de sua leitura teológica do mundo como dom de Deus.

Através da análise de fontes históricas, como as biografias escritas por Tomás de Celano e São Boaventura, e do diálogo com interpretações contemporâneas, como as de Leonardo Boff, Jacques Le Goff e o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, pretende-se iluminar o sentido dessa comunhão espiritual com os animais e mostrar sua relevância para a espiritualidade e a ética ambiental dos nossos tempos.

Francisco de Assis, com sua vida e palavra, continua a nos ensinar que somente quando o homem redescobre sua irmandade com toda a criação é que ele reencontra a verdadeira paz, a harmonia interior e o sentido pleno de ser criatura diante do Criador.

2 – Contexto Histórico e Espiritual de São Francisco

A história de São Francisco de Assis está profundamente enraizada no contexto religioso, social e cultural do século XIII, um período de transição marcado por intensas transformações na Europa. Nascido em 1181 ou 1182, na pequena cidade de Assis, na Úmbria, Francisco cresceu em meio a um ambiente de prosperidade comercial e de tensões políticas. Filho de Pietro di Bernardone, um próspero comerciante de tecidos, e de Dona Pica, de origem nobre, o jovem Giovanni — nome que recebeu ao nascer — foi educado para continuar os negócios da família e desfrutar dos privilégios de uma vida abastada. Ainda na juventude, mostrou-se alegre, generoso e sonhador, mas também vaidoso e ambicioso, buscando glória e reconhecimento por meio das armas e da riqueza. A sua experiência como soldado e prisioneiro de guerra, no entanto, abriu-lhe as portas para uma transformação interior que marcaria para sempre o rumo de sua existência.

Durante um longo período de convalescença, após ter adoecido, Francisco começou a sentir o vazio das ambições terrenas e o chamado para algo maior. Foi nesse tempo de silêncio e introspecção que iniciou um processo de conversão espiritual profunda. Um dos episódios mais simbólicos de sua vida foi o encontro com o leproso, quando, superando o asco e o medo, desceu do cavalo para abraçar e beijar aquele homem marcado pela doença e pelo abandono. Esse gesto, simples e radical, tornou-se o ponto de inflexão de sua trajetória: a descoberta do Cristo presente no sofrimento humano e na fragilidade da vida.

A partir desse momento, Francisco renunciou aos bens materiais e passou a dedicar-se à oração, ao serviço e à reconstrução literal e espiritual da Igreja, começando pela pequena capela de São Damião, onde ouviu o chamado de Cristo: “Francisco, vai e reconstrói a minha Igreja, que está em ruínas”.

Essa obediência total ao Evangelho e a renúncia ao conforto material expressam uma nova compreensão do ser cristão, centrada na pobreza, na simplicidade e na comunhão universal. Francisco descobriu que viver o Evangelho significava, antes de tudo, colocar-se em fraternidade com todos os seres. Por isso, sua espiritualidade não se limitou à contemplação individual, mas expandiu-se em um testemunho comunitário e missionário. Em 1209, juntamente com seus primeiros companheiros, fundou a Ordem dos Frades Menores, conhecida como Ordem Franciscana, cujo lema era seguir “o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” em total desapego e alegria. A vida dos frades era itinerante, sustentada pela confiança na providência divina, pela pregação e pela caridade. Essa forma de vida

desafiava a estrutura eclesiástica tradicional, que muitas vezes se distanciava da simplicidade apostólica, e oferecia um novo modelo de santidade baseado na fraternidade, na paz e no amor à criação.

A espiritualidade franciscana nasceu, portanto, de um contexto histórico de profundas contradições. O crescimento das cidades e o florescimento do comércio criavam novas desigualdades e acentuavam a distância entre ricos e pobres. Ao mesmo tempo, surgiam movimentos religiosos que buscavam um retorno à pureza do Evangelho, como os valdenses e os cátaros, muitos dos quais foram perseguidos pela Igreja. Francisco, porém, escolheu o caminho da obediência e da reforma interior, mostrando que era possível renovar a fé sem romper com a instituição. Sua fidelidade ao Papa Inocêncio III, que aprovou oralmente a Regra Franciscana, garantiu à sua missão uma legitimidade que permitiu que o movimento crescesse rapidamente, alcançando toda a Europa. A força de sua mensagem estava em sua coerência: o que pregava, vivia; o que acreditava, realizava com ternura e simplicidade.

Nesse cenário, a relação de São Francisco com a natureza e com os animais ganhou contornos singulares. Sua experiência espiritual não o afastava do mundo, mas o lançava de volta à criação com um olhar purificado. Ele via no sol, na lua, nas estrelas, nas águas, nas árvores e em cada criatura um espelho do Criador.

Essa visão não era meramente poética, mas profundamente teológica: o universo inteiro era expressão do amor de Deus, e o ser humano, como parte dele, devia viver em harmonia com o todo. Em Francisco, a espiritualidade e a ecologia se encontram, séculos antes de o termo “ecologia” existir. Sua sensibilidade com os animais — os pássaros, o lobo de Gúbio, o cordeiro que carregava consigo — nasce dessa percepção de que todas as criaturas compartilham a mesma origem e destino em Deus.

A contribuição de São Francisco de Assis à história da espiritualidade cristã é imensurável. Ele inaugurou uma nova forma de olhar o mundo, em que a pobreza é libertação, a humildade é força e a fraternidade se estende a todas as formas de vida. Sua mensagem ultrapassou os limites da religião institucional e alcançou o coração da humanidade como um chamado à reconciliação com a criação. No século XIII, sua vida inspirou multidões de homens e mulheres a seguir o mesmo caminho de simplicidade e entrega; nos séculos seguintes, continuou a influenciar teólogos, místicos, artistas e, mais recentemente, pensadores que reconhecem nele o precursor de uma espiritualidade ecológica. O próprio Papa Francisco, ao adotar o nome do santo, quis simbolizar o compromisso com os pobres, com a paz e com o cuidado da “casa comum”, reafirmando a atualidade de uma mensagem que nasceu em Assis, mas que ecoa em todo o mundo.

Assim, compreender o contexto histórico e espiritual de São Francisco é fundamental para perceber a profundidade de sua relação com os animais e com a natureza. Não se trata apenas de um amor espontâneo pelas criaturas, mas de uma experiência mística e teológica que reflete sua comunhão

total com o Criador. A vida do poverello revela que a santidade não se manifesta apenas na oração ou nos milagres, mas na capacidade de enxergar Deus em todas as coisas e de responder a esse olhar com amor, gratidão e respeito. É nesse horizonte que se insere a reflexão sobre o Francisco que fala aos pássaros, que amansa o lobo e que canta com o sol — um homem cuja fé se expandiu para abranger toda a criação, transformando a natureza em sacramento da presença divina.

3 - A Teologia da Criação em São Francisco

A teologia da criação em São Francisco de Assis é um dos aspectos mais belos e revolucionários de sua espiritualidade. Em um tempo em que a natureza era muitas vezes vista como um cenário distante da salvação humana, ou como um simples reflexo da grandiosidade divina, Francisco trouxe uma visão renovadora: o mundo criado não era apenas obra de Deus, mas também sua morada viva, um espelho do amor que sustenta o universo. Ele não separava o sagrado do natural, nem o homem do restante da criação. Para ele, tudo estava unido por um vínculo invisível de fraternidade e gratidão. Cada criatura — seja o pássaro, o lobo, a flor ou o rio — tinha uma missão e uma dignidade próprias, pois todas vinham das mãos do mesmo Criador. Essa percepção simples, porém profundamente teológica, foi a base de uma espiritualidade que via o mundo como “irmão” e “companheiro” no caminho para Deus.

O *Cântico das Criaturas*, também conhecido como *Cântico do Irmão Sol*, é o maior testemunho dessa visão teológica. Escrito em língua vernácula, em um momento de sofrimento físico e quase cegueira, o cântico é uma explosão de alegria e de fé na presença divina em todas as coisas. Nele, Francisco louva o “Altíssimo, onipotente e bom Senhor” por todas as obras criadas — o sol, a lua, o vento, a água, o fogo, a terra, e até mesmo a morte corporal, que chama de “irmã”. Essa linguagem fraterna revela uma teologia de comunhão universal, em que o louvor não é apenas humano, mas cósmico.

Francisco não fala *sobre* Deus, mas *com* Deus através das criaturas; ele não as adora, mas reconhece nelas o reflexo do Criador. Nesse cântico, a natureza é um sacramento: um sinal visível da bondade divina que sustenta o mundo.

Essa forma de ver o universo como expressão do amor divino aproxima a espiritualidade franciscana da teologia bíblica da criação. O relato do Gênesis, que afirma que tudo o que Deus criou “era bom”, ecoa nas palavras e atitudes de Francisco. Ele compreendeu que a bondade primordial do mundo não havia sido anulada pelo pecado, mas apenas obscurecida. Em sua vida, buscou restaurar essa comunhão original entre o ser humano e o restante da criação, rompida pela ganância e pela indiferença.

Para ele, o homem não era senhor das criaturas, mas irmão e guardião delas. Essa ideia, que hoje encontra ressonância na expressão “ecologia integral” usada pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato*

Si', mostra a atualidade e a profundidade do pensamento franciscano. Quando o poverello chama o sol de “irmão” e a terra de “mãe”, ele reconhece a interdependência de todas as formas de vida e afirma uma teologia que une o espiritual e o material, o humano e o natural, o terreno e o celeste.

A teologia da criação em São Francisco também se manifesta em seus gestos cotidianos. Ele cuidava dos animais feridos, pedia que os frades deixassem um canto dos jardins para as flores crescerem livremente, e até solicitava que se colocasse mel e vinho nos muros durante o inverno para alimentar as abelhas famintas. Esses detalhes, registrados por seus primeiros biógrafos, mostram que sua teologia não era teórica, mas encarnada na prática da compaixão. Francisco via no cuidado com as criaturas um prolongamento do amor de Deus, uma liturgia silenciosa que se realizava fora das igrejas, no grande templo da natureza. Seu olhar contemplativo não separava oração e ação: ao cuidar da criação, ele louvava o Criador.

Do ponto de vista teológico, essa visão é uma resposta à tendência antropocêntrica que dominava parte do pensamento medieval, em que o ser humano era visto como o centro absoluto da criação. Francisco desloca esse eixo e propõe um “teocentrismo relacional”: Deus é o centro, e todas as criaturas, humanas ou não, gravitam em torno Dele em harmonia.

Essa concepção não diminui o valor do homem, mas o coloca em seu verdadeiro lugar — o de servo e guardião, e não o de dominador. É por isso que, para Francisco, a humildade é a virtude que abre os olhos para a presença divina em tudo. O orgulhoso, voltado para si mesmo, não enxerga o Criador nas criaturas; o humilde, ao contrário, reconhece em cada ser um fragmento do amor eterno.

Essa teologia da criação, tão profundamente encarnada na vida e na palavra de Francisco, foi redescoberta e ampliada em tempos recentes pela teologia ecológica contemporânea. Autores como Leonardo Boff e Eloi Leclerc ressaltam que o santo de Assis foi o primeiro a viver uma espiritualidade ecológica integral, na qual a fé, a ética e o cuidado com a vida formam uma unidade inseparável. A encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, retoma essa inspiração e a coloca no coração do ensinamento social da Igreja, afirmando que “tudo está interligado”. O que São Francisco viveu intuitivamente, a teologia atual reconhece como um chamado urgente à conversão ecológica.

Portanto, a teologia da criação em São Francisco de Assis é mais do que uma reflexão sobre a natureza; é uma espiritualidade da comunhão. Ela convida o ser humano a abandonar a postura de domínio e a reencontrar-se como parte de um todo maior, que canta o louvor de Deus em uníssono.

Francisco, com seu coração aberto e seus gestos de ternura, revela que amar as criaturas é amar o Criador, e que toda a criação — mesmo nas suas formas mais simples e humildes — é portadora de uma mensagem divina.

Essa compreensão, nascida da contemplação e do amor, continua a inspirar os cristãos e todos os que buscam viver em harmonia com a terra, mostrando que a verdadeira fé floresce quando o homem, reconciliado com a criação, reconhece em cada ser um irmão no mistério da vida.

4 - Francisco e os Animais: Entre o Histórico e o Simbólico

A relação de São Francisco de Assis com os animais é, sem dúvida, um dos aspectos mais fascinantes e simbólicos de sua vida e espiritualidade. Desde os primeiros relatos hagiográficos escritos por Tomás de Celano e São Boaventura, os animais aparecem como companheiros e testemunhas da fé do poverello, participando ativamente de sua comunhão com o Criador. As histórias que narram suas interações com pássaros, lobos e outros seres da natureza não devem ser vistas apenas como lendas piedosas, mas como expressões vivas de uma espiritualidade que enxergava a criação inteira em diálogo com Deus.

Francisco não falava *sobre* os animais, mas *com* eles. Essa relação direta, carregada de ternura e respeito, traduzia uma teologia do amor que incluía todas as criaturas, sem distinção de espécie ou função. Para ele, cada ser vivo possuía uma centelha da bondade divina, um reflexo do amor criador que dava sentido e beleza a todas as formas de existência.

Um dos episódios mais conhecidos é o da pregação aos pássaros. Segundo Tomás de Celano, Francisco, ao ver uma grande multidão de aves reunidas nos campos próximos a Bevagna, aproximou-se delas e começou a falar sobre o amor e o cuidado de Deus. As aves, diz o relato, não fugiram nem se assustaram, mas permaneceram imóveis, escutando atentamente suas palavras. Após o sermão, elas se levantaram em voo, emitindo cantos como se estivessem louvando o Criador. Esse episódio, mais do que uma anedota encantadora, representa o ideal franciscano de comunhão entre todas as criaturas. O santo via nos pássaros não apenas seres frágeis e belos, mas verdadeiros modelos de confiança na providência divina, pois viviam sem acumular, sem ansiar por riquezas, alimentando-se do que a natureza lhes oferecia. Francisco via neles um espelho da liberdade espiritual, da leveza e da alegria que ele próprio buscava viver.

Outro relato marcante é o do lobo de Gúbio. Conta-se que um lobo feroz aterrorizava os habitantes daquela cidade, atacando pessoas e rebanhos. Francisco, ao saber da situação, decidiu ir ao encontro do animal. Quando o lobo avançou, ele fez o sinal da cruz e o chamou de “irmão lobo”, pedindo-lhe que cessasse os ataques e fizesse as pazes com os homens. Surpreendentemente, o animal, amansado, colocou-se diante do santo e baixou a cabeça. Francisco então mediou uma espécie de pacto entre o lobo e os moradores: o animal seria alimentado pela comunidade, e em troca deixaria de causar dano. A história, transmitida por São Boaventura e outros cronistas, carrega uma força simbólica profunda. O

lobo representa o instinto selvagem e o medo que habita o coração humano, enquanto Francisco simboliza a reconciliação e a restauração da harmonia perdida entre homem e natureza. O gesto de chamar o lobo de “irmão” revela uma espiritualidade capaz de transformar a violência em fraternidade, o medo em confiança e o caos em paz.

Esses episódios ilustram como a relação de Francisco com os animais ultrapassava o plano afetivo e alcançava o nível teológico e moral. Ele via em cada criatura um “espelho do Criador”, como afirmava São Boaventura na *Legenda Maior*. Para Francisco, todas as formas de vida eram manifestações da sabedoria e da generosidade divina. Assim como o homem foi criado à imagem de Deus, também os animais expressavam aspectos do mistério divino — a força, a pureza, a leveza, a fidelidade. Francisco não os colocava em uma hierarquia inferior, mas em uma rede de relações interdependentes, em que todos partilhavam do mesmo sopro vital. Seu olhar não era o de um dominador, mas o de um irmão. Por isso, quando chamava os animais de “irmãos” e “irmãs”, não estava usando uma metáfora poética, mas afirmando uma verdade espiritual: todos os seres, animados e inanimados, procedem de um mesmo Pai e estão unidos por um vínculo sagrado de amor.

A simbologia presente nessas histórias revela também o modo como Francisco concebia a presença do mal e da redenção no mundo. O lobo de Gúbio, que deixa de ser inimigo para tornar-se amigo, representa a transformação do instinto em harmonia, do pecado em graça. Do mesmo modo, o diálogo com as aves traduz o chamado à alegria e à confiança no Criador, mesmo diante das incertezas da vida. Em cada gesto, Francisco ensina que a criação é um livro aberto no qual Deus escreve sinais de sua bondade. Essa leitura simbólica e espiritual não nega a realidade histórica dos fatos, mas amplia o seu significado, convidando o homem a reencontrar a pureza original do olhar que reconhece o divino em tudo o que existe.

Do ponto de vista histórico, esses relatos também devem ser compreendidos à luz da tradição hagiográfica medieval. Tomás de Celano e São Boaventura não buscavam apenas registrar eventos, mas transmitir uma mensagem teológica através da narrativa. As histórias de Francisco e os animais são, nesse sentido, parábolas vivas da fé e da humildade. O franciscanismo não nasce como uma doutrina abstrata, mas como uma espiritualidade encarnada, que transforma até mesmo o relacionamento com o mundo natural em expressão de evangelho. A simplicidade dos gestos de Francisco tornava visível o amor invisível de Deus.

Essas histórias, ao mesmo tempo históricas e simbólicas, mostram que a vida de Francisco é uma ponte entre o céu e a terra, entre o homem e o animal, entre o Criador e a criação. Ele não via os animais como objetos, mas como sujeitos que participam da vida divina. Essa percepção antecipou, em muitos séculos, o pensamento ecológico contemporâneo, que reconhece o valor intrínseco de todas as formas de

vida. Francisco não elaborou uma teoria, mas viveu uma teologia prática do respeito e da comunhão. Sua atitude diante dos animais é um convite à conversão do olhar: enxergar o mundo não como um espaço a ser dominado, mas como uma comunidade viva a ser amada.

Assim, entre o histórico e o simbólico, a relação de São Francisco com os animais continua a inspirar e desafiar. Ela nos lembra que a verdadeira santidade não se isola do mundo, mas o abraça em todas as suas expressões; que o amor a Deus se manifesta também no amor às criaturas; e que o coração que se abre à criação participa da própria alegria divina. Francisco de Assis, o homem que falava aos pássaros e chamava o lobo de irmão, permanece um sinal vivo de esperança — um profeta que nos recorda que a paz começa quando reconhecemos que todos os seres, humanos ou não, compartilham da mesma origem e caminham juntos sob o mesmo sol.

5 – A Espiritualidade Ecológica Franciscana

São Francisco de Assis, nascido Giovanni di Pietro di Bernardone em 1181 ou 1182, é uma das figuras mais emblemáticas e universais da história cristã. Sua vida e espiritualidade transcendem o tempo e as fronteiras religiosas, sendo admirado não apenas pelos fiéis católicos, mas também por todos aqueles que enxergam na natureza e nos animais a manifestação mais pura da criação divina. Desde os primeiros séculos após sua morte, Francisco foi reconhecido como o “Poverello d’Assisi” — o Pobrezinho de Assis — e, ao longo da história, passou a ser venerado como o padroeiro dos animais e do meio ambiente. Sua relação de amor, respeito e fraternidade com todas as criaturas vivas tornou-se um exemplo inigualável de comunhão entre o homem e o mundo natural, inspirando reflexões teológicas, filosóficas e ecológicas que permanecem extremamente atuais.

No contexto histórico do século XIII, período marcado por intensas transformações sociais, econômicas e espirituais na Europa, o testemunho de São Francisco se destacou como um chamado à simplicidade e à pureza evangélica.

Em uma sociedade cada vez mais voltada à riqueza, ao poder e ao crescimento urbano, ele optou por viver na pobreza absoluta, encontrando em cada elemento da criação um sinal da presença de Deus.

Essa visão teológica de um mundo unificado pelo amor divino fez de Francisco uma das vozes mais revolucionárias de seu tempo. Ele não apenas pregava aos homens, mas também dialogava simbolicamente com os animais, as flores, os ventos e os astros, reconhecendo neles irmãos e irmãs na obra do Criador. Seu famoso “Cântico das Criaturas”, escrito em dialeto umbro no final de sua vida, reflete essa espiritualidade cósmica e fraterna, onde o sol, a lua, as águas e o fogo são louvados como expressões da bondade divina.

A relação de São Francisco com os animais, longe de ser um simples gesto de ternura, expressa uma profunda teologia da criação. Para ele, todos os seres vivos participavam de uma mesma origem e destino: foram criados por Deus e, portanto, são dignos de respeito e cuidado. Francisco via a harmonia entre as criaturas como um reflexo da ordem divina e acreditava que a ruptura dessa harmonia — causada pelo pecado humano — precisava ser restaurada pela vivência do amor e da compaixão. Sua convivência com os animais, narrada em diversas fontes hagiográficas, não era apenas simbólica, mas também real e transformadora. A história do lobo de Gúbio, por exemplo, representa uma das mais conhecidas expressões dessa comunhão: segundo os relatos, Francisco teria domado um lobo feroz apenas com palavras de mansidão, demonstrando que até as forças mais selvagens podem ser reconciliadas pela força do amor.

A espiritualidade franciscana introduziu uma nova forma de compreender o papel do ser humano no universo. Francisco não via o homem como dominador das criaturas, mas como irmão responsável e cuidador da criação. Essa visão antecipou conceitos que hoje são fundamentais na ética ecológica e nas reflexões contemporâneas sobre sustentabilidade.

Ao chamar o sol de “irmão” e a lua de “irmã”, ele rompeu com a visão hierárquica que colocava o ser humano acima da natureza, propondo uma relação horizontal e harmoniosa. Tal concepção inspirou não apenas ordens religiosas e movimentos espirituais, mas também pensadores e líderes modernos, como o Papa Francisco, que na encíclica *Laudato Si'* (2015) retoma a mensagem do santo de Assis ao afirmar que “tudo está interligado”, ecoando a mesma sensibilidade que marcou a vida do Poverello.

Do ponto de vista histórico, a relação de Francisco com os animais é atestada por diversas fontes primárias, entre as quais se destacam as *Fontes Franciscanas*, a *Legenda Maior* escrita por São Boaventura, e os relatos de Tomás de Celano, seu primeiro biógrafo.

Esses textos, embora permeados por elementos simbólicos e milagrosos, possuem grande valor documental, pois refletem a percepção contemporânea da santidade de Francisco e sua ligação com o mundo natural. Eles descrevem um homem que não apenas pregava aos homens e mulheres de sua época, mas que também reconhecia a presença do divino em todas as formas de vida. Sua relação com os pássaros, com os peixes e até com os insetos era expressão de um amor universal que via em cada criatura um espelho da bondade de Deus.

Desse modo, compreender a relação de São Francisco de Assis com os animais exige um olhar que une fé e razão, história e espiritualidade. Este artigo busca, portanto, investigar como essa comunhão com o mundo animal se constitui tanto como um testemunho pessoal e religioso quanto como um legado teológico e ético que permanece vivo atualmente.

Nas páginas que seguem, serão explorados os contextos históricos, as bases espirituais e as implicações filosóficas dessa relação singular, revelando como o amor de Francisco pelos animais continua a inspirar o ser humano contemporâneo na busca por uma convivência mais harmoniosa com toda a criação.

6 – Reflexão Espiritual: Os Animais como Mestres do Amor e da Humildade

Na visão espiritual de São Francisco de Assis, os animais não eram apenas criaturas a serem amadas ou protegidas, mas verdadeiros mestres silenciosos do amor e da humildade. Ele os via como expressões puras da vontade divina, seres que, ao contrário do homem, viviam em plena harmonia com a natureza e com o Criador.

Enquanto o ser humano, dotado de razão e livre-arbítrio, frequentemente se afastava de Deus por meio do orgulho e da busca pelo poder, os animais permaneciam fiéis à simplicidade de sua existência, cumprindo seu papel na criação com obediência e gratidão. Para Francisco, observar o comportamento das criaturas era uma forma de aprender sobre a humildade, a pureza e a dependência total de Deus — virtudes que ele buscava imitar em sua própria vida.

Em diversos episódios relatados nas *Fontes Franciscanas*, São Francisco demonstra essa percepção espiritual profunda. Quando pregava aos pássaros, por exemplo, ele não o fazia por extravagância ou excentricidade, mas por reconhecer neles ouvintes atentos à palavra divina. Contam os relatos que, ao ver as aves reunidas em torno de si, Francisco as saudou chamando-as de “irmãs” e lhes recordou a bondade de Deus, que lhes dava o alimento, o abrigo e o ar para voar. Após sua pregação, as aves não se dispersaram imediatamente, mas permaneceram próximas, como se escutassem em reverência. Essa narrativa, além de simbolizar a harmonia entre o homem e a natureza, revela uma profunda lição espiritual: a de que toda criatura, por mais pequena ou simples que pareça, é capaz de louvar ao Criador por meio de sua própria existência.

Os animais, para São Francisco, eram o espelho da inocência original perdida pela humanidade, eles viviam sem ambição, sem cobiça e sem o desejo de dominar, guiados apenas pelo instinto que Deus lhes concedera. Francisco enxergava nesse modo de viver um reflexo da humildade que o ser humano deveria cultivar.

Assim como as aves confiam no Criador para encontrar o alimento de cada dia, o homem também deveria confiar plenamente na providência divina, sem se deixar dominar pela ansiedade das riquezas e das posses. Essa confiança simples e desprestensiosa era, para ele, a mais pura forma de fé. Dessa maneira, os animais se tornavam exemplos de dependência e de entrega, lembrando ao homem sua condição de criatura e sua necessidade de se submeter à vontade do Pai.



Francisco também via nos animais um espelho do amor incondicional. Ele percebia que muitas vezes o amor das criaturas era mais puro e sincero do que o dos homens, pois não havia nele cálculo, interesse ou vaidade. O olhar de um cordeiro, o voo leve de uma ave, o trabalho incansável das abelhas ou o carinho de um cão eram, para o santo, expressões do amor de Deus manifesto na criação. Em cada animal, ele via um sinal da ternura divina — uma ternura que convida o ser humano a reencontrar em si mesmo a capacidade de amar sem esperar retorno. Por isso, São Francisco não apenas respeitava os animais: ele os venerava como testemunhos vivos do amor que sustenta toda a existência.

A humildade que ele tanto valorizava era refletida nas criaturas mais simples, especialmente nas que passavam despercebidas aos olhos dos homens. Francisco via beleza e propósito em cada inseto, em cada pequeno pássaro, em cada ser do campo.

Nenhuma criatura era insignificante aos olhos de Deus. Essa visão radical de igualdade espiritual rompeu com a mentalidade antropocêntrica da Idade Média, que via o homem como centro absoluto da criação. Para Francisco, o verdadeiro centro era Cristo, e todas as criaturas, animadas ou inanimadas, participavam de Sua presença. Ao reconhecer os animais como irmãos e irmãs, o santo afirmava a unidade da criação sob o amor do Criador, tornando-se, assim, um dos primeiros defensores daquilo que hoje chamamos de espiritualidade ecológica.

Ao contemplar os animais, Francisco compreendia que o amor divino se manifestava na simplicidade da vida cotidiana. Ele via a humildade da natureza como um convite ao silêncio interior, à contemplação e à gratidão. Para o santo, aprender com os animais era repreender a viver com leveza, com pureza e com um coração desapegado.

O homem moderno, mergulhado na pressa e no consumo, encontra nas lições de Francisco um chamado urgente à reconciliação com o mundo natural. Assim, ao observar a fidelidade de um cão, a cooperação das formigas ou o cântico dos pássaros, é possível perceber ecos da mesma sabedoria que inspirou o santo de Assis: a certeza de que todo amor verdadeiro nasce da humildade, e que toda humildade verdadeira é fruto do amor.

7 – Orações de São Francisco de Assis

São Francisco de Assis não deixou orações específicas exclusivamente destinadas aos animais, mas suas preces e cânticos — especialmente o “Cântico das Criaturas” e a famosa “Oração pela Paz” — expressam profundamente sua espiritualidade de amor universal, que inclui todas as criaturas de Deus.

A seguir, apresento: as orações originais atribuídas a São Francisco, e orações inspiradas em seu espírito, dedicadas aos animais e à criação, escritas em linguagem fiel ao estilo franciscano e adequadas para uso religioso ou reflexivo.



O Cântico das Criaturas (*Cântico do Irmão Sol*) – de São Francisco de Assis

(também conhecido como “Cântico do Sol” ou “Cântico das Criaturas” — escrito entre 1224 e 1226)

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção.
A Ti somente, Altíssimo, eles pertencem,
E nenhum homem é digno de Te mencionar.
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as Tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol, O qual é o dia e por quem nos iluminas;
E ele é belo e radiante com grande esplendor:
De Ti, Altíssimo, traz ele o significado.
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e pelas estrelas;
No céu as formaste claras, preciosas e belas.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
E pelo ar, pelas nuvens, pelo sereno e por todo tempo,
Pelas quais dás sustento às Tuas criaturas.
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
Que é muito útil, humilde, preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo,
Pelo qual iluminas a noite; E ele é belo, jocundo, vigoroso e forte.
Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz variados frutos com flores coloridas e ervas.
Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por Teu amor
E suportam enfermidade e tribulação.
Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz,
Pois por Ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Bem-aventurados os que ela achar conformes à Tua santíssima vontade,
Porque a segunda morte não lhes fará mal.
Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-Lhe graças,
E servi-O com grande humildade.



Oração de São Francisco pelos Animais (*inspirada em sua espiritualidade*)

Senhor, fazei-me compreender que todas as Tuas criaturas são obras de Tuas mãos.

Deste aos animais o mesmo sopro de vida que a nós,

E em cada um deles colocaste a beleza do Teu amor criador.

Abençoai, ó Deus de bondade, todos os seres vivos,

Que enchem a Terra com alegria, fidelidade e harmonia.

Guardai-os do sofrimento, da fome e do abandono.

Concedei que o homem, a quem destes razão e liberdade,

Saiba cuidar e respeitar os animais como irmãos menores,

Partilhando com eles o dom da existência.

Fazei que eu aprenda, com sua simplicidade,

A viver em confiança e gratidão,

Vendo em cada olhar inocente o reflexo da Tua ternura.

Que o amor de São Francisco nos ensine a servir e proteger,

Para que toda a criação cante, unida,

O louvor do Teu nome, ó Altíssimo Criador.

Amém.

Oração por um Animal Doente ou Sofredor (*inspirada em São Francisco*)

Senhor das criaturas, que cuidas até dos lírios do campo e das aves do céu,

Olhai com compaixão para este Teu pequeno servo,

Que sofre e gème em silêncio.

Tu, que inspiraste em São Francisco o amor aos animais,

Acolhe em Teu coração este ser que criaste com carinho.

Dai-lhe alívio em sua dor, serenidade em sua fragilidade

E, se for da Tua vontade, a cura que devolve a vida plena.

Que nós, seres humanos, sejamos instrumentos do Teu amor,

Cuidando de toda vida com ternura e respeito,

Lembrando que cada batida de um pequeno coração

É também uma forma de louvor ao Criador.

Amém.



Oração Para um Animal Perdido

São Francisco misericordioso, peço ajuda para salvar (encontrar) este animal (*Nome do animal*).

Com a plenitude de tua compaixão, não permita que ele seja cruelmente tratado,
Nem que permaneça em cativeiro.

Peço ajuda a São Francisco, Padroeiro dos animais,
Que me ajude a salvá-lo (ou encontrá-lo) em qualquer lugar da terra.

Em nome de São Francisco, que está presente em toda parte,
Guia-me com teus olhos, para que possa salvá-lo (ou encontrá-lo).

Cuide para que (*Nome do animal*) esteja a salvo!
Que assim seja,

Amém.

Oração para Proteção dos Animais

Senhor, que neste momento tua bênção chegue até (*Nome do animal*),
E como um milagre ajude-o a curá-lo.

Porque Senhor, tua sabedoria é divina e teu poder de cura é grandioso.

Sei também Senhor, que tu colocaste no mundo os animais para nos ensinar coisas sublimes,
Como amor incondicional e por este amor que peço por essa criaturinha de quatro patas que está
enfermo, se reabilitar e que tenha menos dores com a tua ajuda, pela tua graça!

Estou com o coração apertado porque nada posso fazer,
Mas confio na tua força bendita!

Senhor em ti confio e entrego (*Nome do animal*) nas tuas mãos curadoras e divinas.

Neste momento Senhor, elevo meu pensamento para pedir também para os médicos de cura da
espiritualidade maior trabalhar e ajudar na nossa batalha,
Eliminando as enfermidades e o sofrimento deste animal.
Senhor, que a partir desta oração a cura se faça presente,
E que (*Nome do animal*) obtenha saúde e paz.

Amém.



Oração de Gratidão pela Criação (*em espírito franciscano*)

Altíssimo Senhor, Criador do céu e da terra,
Te damos graças pela beleza do mundo e pela vida que dele brota.
Obrigado pelos animais que alegram nossos dias,
Que nos ensinam a amar sem egoísmo e a confiar sem reservas.
Fazei que jamais vejamos uma criatura como algo sem valor,
Mas como um reflexo do Teu amor infinito.
Concede-nos sabedoria para proteger e conservar a obra que Tu criaste,
E humildade para viver em harmonia com todos os seres.
Que, a exemplo de São Francisco, possamos ver em cada animal,
Em cada flor e em cada sopro de vento,
A presença viva do Teu Espírito de amor.
Amém.

A oração mais conhecida de São Francisco de Assis é a chamada “**Oração da Paz**” ou “**Oração de São Francisco**”. Ela expressa de forma profunda a espiritualidade franciscana: humildade, serviço, amor e reconciliação.

Oração da Paz de São Francisco de Assis

Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado;
Compreender, que ser compreendido;
Amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado,
É morrendo que se vive para a vida eterna.



8 – Conclusões

A vida e a mensagem de São Francisco de Assis revelam que a verdadeira santidade não se manifesta em grandes gestos ou discursos, mas na simplicidade de um coração que reconhece Deus em todas as coisas. Sua relação com os animais, longe de ser um simples traço de bondade ou de sensibilidade pessoal, constitui uma autêntica teologia vivida — uma proclamação silenciosa de que toda a criação é expressão do amor divino. Ao chamar os seres vivos de irmãos e irmãs, Francisco rompeu as fronteiras entre o humano e o natural, convidando todos a redescobrirem a comunhão perdida com o universo criado. Em sua humildade e pureza, os animais se tornaram para ele sinais visíveis da presença de Deus, mestres que, com seu comportamento simples e fiel, ensinam ao homem o caminho da confiança, da gratidão e do amor incondicional.

Essa espiritualidade franciscana, profundamente enraizada no Evangelho, oferece ao mundo contemporâneo um testemunho urgente e transformador. Vivemos em uma época marcada pelo distanciamento entre o homem e a natureza, pela exploração desenfreada dos recursos e pela perda do sentido do sagrado na criação. Diante desse cenário, a figura de São Francisco ressurge como um farol de esperança, recordando-nos que a paz com a natureza é também uma expressão da paz com Deus. A ecologia integral, defendida pela Igreja nos dias atuais, especialmente na encíclica *Laudato Si'*, retoma a mensagem do Pobrezinho de Assis, afirmando que tudo está interligado e que o respeito pela criação é parte essencial da vida espiritual e moral do ser humano. Francisco, ao ver em cada animal um irmão e em cada flor um sinal do amor do Criador, antecipou em séculos essa visão de harmonia universal.

No plano histórico e teológico, a mensagem de São Francisco permanece como um convite à conversão interior. Ele compreendeu que a fraternidade com os animais não era um gesto poético ou sentimental, mas uma consequência direta da fé em um Deus que é Pai de todos. Essa percepção radical de fraternidade universal desconstrói o orgulho humano e reconduz o homem ao seu verdadeiro lugar na criação: não como dominador, mas como guardião e servo do mundo que lhe foi confiado. O exemplo do santo de Assis mostra que o amor às criaturas é, antes de tudo, uma forma de adoração — um modo de louvar o Criador através do cuidado e do respeito por tudo o que Ele fez.

A espiritualidade franciscana ensina que o amor de Deus se revela nos detalhes da vida simples. Francisco via no canto dos pássaros uma prece, no lobo domesticado um sinal de reconciliação, e na pobreza das criaturas um reflexo da própria encarnação de Cristo, que se fez pequeno para estar entre os pequenos. Essa visão profundamente evangélica recorda que o Reino de Deus não pertence aos poderosos, mas aos humildes e puros de coração. Amar os animais, para Francisco, era uma forma de reencontrar a pureza original do amor divino, aquela que se perde quando o homem busca dominar em vez de servir, acumular em vez de compartilhar, destruir em vez de cuidar.



Conclui-se, portanto, que a relação de São Francisco de Assis com os animais é uma síntese perfeita entre fé, razão e sensibilidade. Ela expressa uma espiritualidade que une contemplação e ação, devoção e responsabilidade, oração e compromisso. O legado do santo continua a inspirar teólogos, filósofos, ecologistas e fiéis do mundo inteiro, não apenas como uma memória piedosa, mas como um chamado à transformação pessoal e coletiva. No olhar compassivo de Francisco, vemos refletido o olhar de Cristo sobre toda a criação — um olhar de ternura, misericórdia e amor que não exclui ninguém, nem mesmo a menor das criaturas.

Seguir o exemplo de São Francisco é aprender a escutar novamente a voz de Deus que fala através do vento, do canto dos pássaros e do silêncio dos campos. É redescobrir a alegria de viver em comunhão com o mundo, reconhecendo que cada ser, em sua simplicidade, participa do mesmo mistério de amor. Que o espírito do Pobrezinho de Assis continue a inspirar a humanidade a viver com humildade e reverência diante da criação, aprendendo com os animais a amar com pureza, servir com docura e louvar com gratidão o Deus que fez de todas as coisas um único e grande cântico de vida.

9 – Referências Bibliográficas

- CELANO, Tomás de. *Vida de São Francisco de Assis*. Paulus, 2003.
- SÃO BOAVENTURA. *Legenda Maior de São Francisco*. Vozes, 2012.
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Record, 2001.
- BOFF, Leonardo. *São Francisco de Assis: Ternura e vigor*. Sextante, 2000.
- LECLERC, Eloi. *Sabedoria de um pobre*. Vozes, 1984.
- PAPA FRANCISCO. *Laudato Si' – Sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano, 2015.



Peregrino da Esperança